

Os Caminhos Econômicos do DF

Distrito Federal, 17 de Fevereiro de 1998

SUPLEMENTO ESPECIAL

Não pode ser vendido separadamente

O desafio de criar novas alternativas

Iniciativa privada e governo discutem como viabilizar o desenvolvimento do Distrito Federal com o encolhimento do papel do Estado na economia

Aldo Renato Soares

O Distrito Federal está em xeque: ou encontra alternativas para o seu desenvolvimento ou em poucos anos se tornará uma região metropolitana caótica. Esta foi a conclusão da Quarta Reunião do Grupo de Análise da Conjuntura Econômica, realizada no dia 28 último, na sede do Conselho Regional de Economia do Distrito Federal (Corecon).

Desde o início do processo de redução do papel do Estado na economia, com a abertura econômica, em 1990, o Distrito Federal depara-se com um desafio: desenvolver novas atividades econômicas para ocupar o papel do setor público como empregador e catalisador de parte considerável dos investimentos.

A situação está se agravando com o crescente aumento da população das cidades-satélites. Segundo os dados do Sindicato dos Economistas e do Corecon do DF, a população do Entorno, que hoje está em cerca de 650 mil, atingirá 1,5 milhão em 2010. Ou seja, nos próximos 12 anos, a população do Entorno dobrará. "Isso quer dizer que nos próximos anos esta população do Entorno disputará empregos com a população do Distrito Federal", ressalta o presidente do sindicato e do Corecon, Júlio Miragaya. Que empregos? Esse é o grande problema.

Ano após ano, os números mostram que o Distrito Federal não é mais a "terra dos barnabés". Mesmo assim, 30% da População Economicamente Ativa (PEA) é representada pelo setor público. Como os salários pagos pelo serviço público estão acima da média dos pagos pelo setor privado, este índice representa 51,2% do total dos rendimentos do Distrito Federal.

Há quatro anos sem reajuste salarial - portanto, com queda real de salário - o poder de compra do funcionário público chegou ao limite. No setor privado, a situação também não é animadora. De acordo com Max de Almeida, do Departamento Industrial de Estatística e Estudos Sócio Econômicos - Dieese, em 1997, mais de 400 dissídios coletivos foram fechados com reposição salarial inferior ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) do ano.

A população do Entorno cresce 8% ao ano - o maior índice do País. De 1992 a 1997, a PEA do Distrito Federal aumentou em 102 mil pessoas. Mas o pessoal empregado cresceu apenas 62 mil. Isto é, o número de desempregados, no período, subiu 40 mil.

O Grupo de Análise da Conjuntura Econômica, que reúne mais de uma dezena de entidades e órgãos governamentais da União e do Distrito Federal, está discutindo o futuro do Distrito Federal. "As alternativas para o Distrito Federal passam pela viabilidade econômica do Entorno", observa José Carlos De Luca, diretor-técnico do Instituto Fecomércio de Pesquisa e Desenvolvimento, lembrando que 60% da população do Entorno trabalha no Distrito Federal.

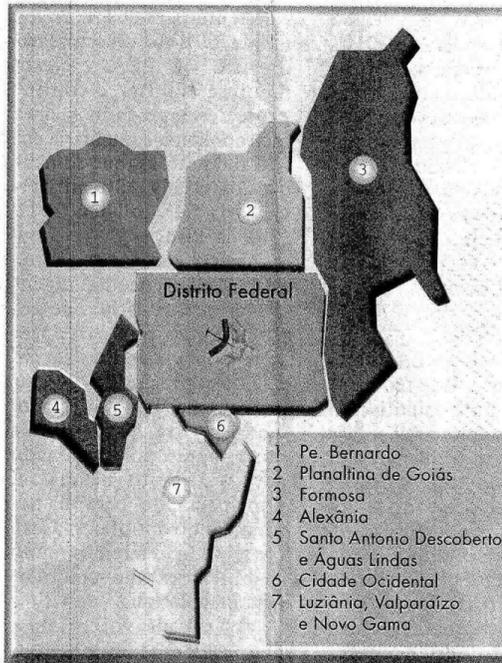
Mas por estar encravado entre Goiás e Minas Gerais e dispor de uma rede de serviços públicos de boa qualidade, o Distrito Federal acaba bancando o atendimento das populações limítrofes destes dois

Estados. "Goiás e Minas Gerais precisam participar da busca de soluções para o Distrito Federal e o Entorno", sustenta o secretário-adjunto do Entorno do Distrito Federal, Robério Sulz Gonsalves.

Ele reconhece, porém, que a questão não sensibiliza os governos dos dois Estados. "Goiás criou uma secretária do Entorno e DF, que não tem nenhum plano, e Minas tem plano, mas não tem nenhum interesse".

A disputa por investimentos acirrou a guerra fiscal entre os Estados e isso afeta diretamente a economia do DF, que não tem condições de oferecer os incentivos fiscais dados pelos Estados vizinhos. Goiás e Minas Gerais estão direcionando os incentivos fiscais para as regiões do sul, que fazem divisa com São Paulo. Os novos investimentos nestas regiões estão voltados para o sudeste do País e principalmente para o Mercado Comum do Sul (Mercosul). Outro aspecto desta industrialização recente é que ela faz parte de uma cadeia já existente - por isso as novas indústrias estão se instalando próximas a outros centros industriais.

Há um consenso de que o Distrito Federal está de mãos amarradas e corre o risco de ficar isolado do desenvolvimento industrial. De Luca cita um exemplo que dá a exata di-



mensão do desafio. Uma fábrica de móveis instalada no Distrito Federal tem como única fornecedora de peças e partes utilizadas nos seus produtos uma fábrica de Caxias do Sul. De Luca admite que não é só a questão de industrializar o DF. "É fundamental fazer produtos de qualidade e com preços competitivos", afirma. "E isso só será possível com investimento na formação da mão-de-obra". Não existem estatísticas sobre a entrada e saída de

produtos do DF, mas estima-se que 80% do que é consumido seja produzido fora da região. A produção do DF é muito pequena, com reduzido número de itens, e basicamente trata-se de uma produção quase que artesanal.

Dependendo de recursos orçamentários da União para cobrir os gastos com saúde, educação e segurança pública, ao GDF só resta partir para soluções criativas, que nem sempre funcionam. Um exem-

A população da região do Entorno, hoje, é de cerca de **650 mil**.

Em 2010, a perspectiva é de que este número crescerá para **1,5 milhão** de habitantes.

Entre 1991 e 1996, a população do Distrito Federal teve um crescimento médio anual de **2,62%**.

Na Região do Entorno, no mesmo período, este número atingiu **7,81%**

plo é o projeto do Porto Seco, que não saiu do papel.

As tentativas de formar agroindústrias esbarram na questão da posse da terra, que em boa parte pertence à União. Já existe até proposta para a criação de um Estado reunindo o Entorno. Mas não existe o dinheiro para o fundo que bancaria o Estado. "De que adianta criar um Estado sem recursos?", questiona o secretário-adjunto do Entorno.

A conjuntura econômica

desfavorável potencializa os problemas do Distrito Federal. As altas taxas de juros, o empobrecimento dos funcionários públicos, a distância dos grandes centros fornecedores de matéria-prima, e a guerra fiscal dos Estados vizinhos, acaba inibindo o surgimento de indústrias na região.

É claro que esta conjuntura afeta também as regiões mais industrializadas do País, como São Paulo e Minas Gerais. Mas nestes Estados com economias mais desenvolvidas existem outras opções de emprego para a mão-de-obra desempregada. No Distrito Federal, quase não existem oportunidades. O crescimento do mercado informal, se por um lado atenua o problema social, prejudica os setores legalizados da economia. Um caso típico é o dos vendedores ambulantes de móveis e todos os tipos de utensílios, que se concentram nas imediações do Carrefour, e no Pontão do Lago Sul. Ainda não se tem dados sobre o impacto de legislações fiscais como o Simples, do governo federal, e o Legal, do GDF, no mercado de trabalho. A expectativa, contudo, é que os reflexos não serão expressivos porque, nos últimos anos, assim como tem se multiplicado a criação de microempresas, também é verdade que um número expressivo delas fecha antes de completar um ano.